



CENTRO UNIVERSITÁRIO JORGE AMADO

CONJUNTO DE REPORTAGENS ESCRITAS

IVNA BARRETO; DANIELA BUSMA; MARIA LUIZA FRANÇA E
LARISSA TRINCHÃO

ORIENTADOR: MARCOS UZEL

SALVADOR – BAHIA

2018

A MAIS LINDA DO CORREIO

Por Ivna Barreto

Em visita técnica ao jornal Correio da Bahia, Linda Bezerra, jornalista e editora chefe, recebeu alunos de Jornalismo da Universidade Jorge Amado na redação, onde desenvolve com sua equipe, matérias de grande prestígio.

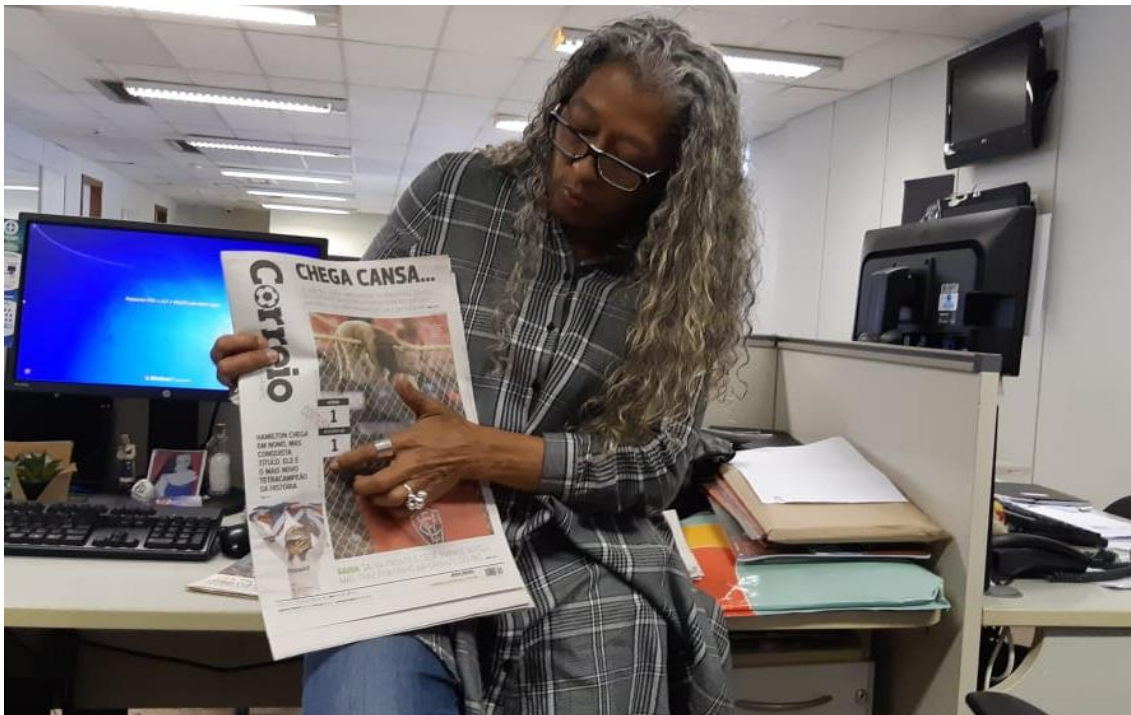


Foto por Larissa Trinchão

Para iniciar, é preciso deixar claro que quando digo: “A mais Linda do Correio”, não se trata apenas de beleza, estética, aparência. E sim de alma, autenticidade, o ser por querer ser e viver do jeito que bem entender. Esta é Linda Bezerra, inconfundível, incomparável e icônica, que com sua cabeleira branca, assumiu para todos uma identidade única. Entre sua intensidade e trejeitos, a editora chefe do Correio da Bahia nos concedeu uma entrevista, em comemoração aos quarenta anos do jornal.

O início de tudo

Nem sempre Linda Bezerra carregou sua postura de jornalista, com um faro apurado para boas reportagens. Sua baianidade então? Ainda nem sonhava em dar as caras. Nascida no Piauí, morava em uma cidadezinha pequena, onde estudava incessantemente, repetindo a quarta série diversas vezes devido a sua sede de conhecimento. Era a única escola da região, e sua professora foi sua grande inspiração para seguir o sonho de ser educadora. “Ela era a única pessoa que eu via em minha frente que era diferente de mim”, explica Linda sobre sua idealização de carreira quando criança.

As coisas começaram a mudar, quando aos 23 anos, a moça que até então não tinha ouvido falar sobre Jornalismo, chegou a Barreiras (oeste do estado da Bahia). Lá ela se envolveu com moda, sendo vendedora de uma loja, trabalhando em vitrines, moda e decoração. Então veio para Salvador, estudar e realizar o seu desejo de ser professora. Como todas as aleatoriedades da vida, foi em um show na Concha Acústica que ela obteve o seu primeiro contato com o jornalismo. Naquele show, eu vi uma mulher que me chamou a atenção – conta em tom de nostalgia – eu já lia jornais, via TV, mas aquilo foi diferente. Eu vi uma mulher apresentando o show, e pensei “nossa, eu tenho que fazer isso”. Mas aquilo foi momentâneo, afirma Linda. Depois conheceu o cinema e o jornalismo, e quando descobriu que a faculdade da UFBA tinha um curso para cinéfilos como ela, decidiu que ali ficaria e estudaria mais sobre a sétima arte e comunicação. “Nunca realizei o sonho de ser cineasta e documentarista, mas é algo que eu farei um dia” e complementa, “Na verdade a gente como jornalista faz um pouco disso né? Documenta os fatos, entrevista as pessoas, conta histórias e tudo o mais”.

Ao relembrar os tempos em que atuava no ramo da moda, a editora chefe fala sobre seu estilo: “Eu me relaciono com a moda não deixando que ela me escravize. Me visto como quero me vestir, porque pra mim, a moda só vai bem quando decifra um pouco a personalidade da pessoa”. A jornalista afirma que é uma pessoa livre, para ela, a liberdade é matricial além de uma filosofia de vida. É algo que todos almejam, e quando você almeja e tenta ser livre, já é meio caminho andado, comenta. Quando questionada sobre o que gosta de vestir, Linda solta o verbo: “A moda em mim é um pouco isso, eu não gosto de nada que me aperte, não gosto de calça que me aperte, isso pra mim não é moda. Eu não quero blusa que me sufoque, isso pra mim não é moda. Eu não quero vestido que me marque para eu ter que andar diferente do que ando. Então a moda pra mim é apenas uma casca que molda o meu jeito de ser, apenas. A moda é uma cor, é um caminhar, é apenas uma capa. Ela tem que andar comigo, não pode ser uma trava”. A jornalista também se arrisca a produzir suas próprias peças, se denominando como fora do termo, Linda faz seus próprios vestidos, usa peças que foram comuns nos anos 50 ou do movimento hippie. “Eu não me enquadro no momento em que a moda está, não faço o que a moda dita. Me visto como eu dito a minha moda” declara.

A prática leva à perfeição

E mais uma vez, Linda Bezerra foi atípica. Em um ato corajoso trancou sua matrícula na UFBA, onde cursava jornalismo. O motivo dessa decisão foi um só: a prática. Ela desejava obter uma experiência que os laboratórios da FACOM não ofereciam aos alunos. Ela relembra: “Eu vi uma reportagem que mostrava um jornalista vendendo coxinha na praia, e ele atribuía isso à falta de experiência. Ou seja, ele foi para o mercado de trabalho, sem prática alguma, e como na época os estágios não eram formalizados, ele se formou sem nunca ter trabalhado na área”. Por fim, ela percebeu que algo estava errado, e o único jornal que havia desenvolvido na faculdade, chamado ‘336200’, não era o suficiente para a sua formação como jornalista.

Sobre sua experiência, Linda aponta que trabalhou em dois veículos e que, em sua opinião, o impresso é melhor e é nele que está a base do aprendizado. “Trancar o curso foi a melhor escolha que eu fiz, passei um ano trabalhando em jornal e TV, voltei e me formei. Eu não teria sido jornalista se não tivesse feito isso, você sai da faculdade achando que sabe, e não sabe de nada”, e pontua: “A prática é impressionante, só o fato de todo dia você ter uma pessoa diferente pra entrevistar, você já cai do cavalo de cara. Todo dia vai ser um novo desafio, uma nova pauta, um novo entrevistado”.

Relembrar é sempre bom

Em vinte anos de carreira, Linda Bezerra coleciona boas lembranças de seu trabalho no Correio, dentre elas, está o Correio Repórter. Foi um caderno do jornal onde eram realizadas grandes reportagens em torno de fatos históricos. Estes fatos eram costurados com o momento atual, do presente. “Nessa época eu era apuradora, e eu odiava esse nome – comenta em tom brincalhão – eu preferia que me chamassem de produtora né, como a libriana que sou, tenho um olhar muito estético”. Mas depois, a ‘apuradora’ foi capaz de compreender o porquê desse nome, e afirma com convicção: “A base do que eu sei hoje, está na apuração, sempre que faço uma palestra, eu falo que na TV o produtor é uma peça fundamental. A pauta nasce nele, floreira nele, e ali sobrevive. É o sangue da coisa”.

Mas o que será que emociona a emblemática Linda? Descobrir histórias. Até hoje, ela ama descobrir histórias diferentes, com conteúdo para ser explorado e contado. Inclusive, adianta que está junto ao Correio, investigando o caso do traficante que saiu do Rio de Janeiro e se formou em direito, obtendo a carteira da OAB e exercendo a profissão. “Estamos apurando esse caso para descobrir coisas interessantes que ainda não foram contadas. Eu gosto disso, a melhor coisa no jornalismo é você contar uma história que ninguém contou ainda, é genial!”, fala em meio à sorrisos.

De todos os cadernos do Jornal Correio, um dos seus preferidos é o ‘Minha Bahia’, com pautas e edições de qualidade. Diante as evoluções pelas quais o jornal passou, a jornalista afirma que a mais significativa e marcante foi a passagem do formato standard, para o berliner. “A resiliência diante as mudanças é muito importante, e essa passagem do jornal foi muito legal, já que mudamos não só o formato, como a linguagem e o conteúdo, se tornando um meio acessível para todas as idades”, diz Linda.

E para finalizar, pedimos à editora chefe que ela desse um conselho para mulheres que, assim como ela buscam se consolidar no meio da comunicação, e a jornalista dispara: “Além do conselho, você me escute. Se você não procurar ser a melhor no que você faz, você certamente será colocada de lado. Se profissionalize mesmo, seja da paz e seja firme em seus propósitos. O que eu quero, o que eu farei com isso? Foque no que quer e se instrumentalize profissionalmente, com técnicas, informações, e atenção redobrada. Seja multimídia.”

BOX

O Reconhecimento

O Jornal Correio já foi premiado diversas vezes sob o comando de Linda Bezerra. Ela se emociona com o fato de o jornal ter sido indicado à uma premiação com uma coluna chamada 'Textão'. Segundo a jornalista, é marcante pelo fato de que não é preciso inovação e alta tecnologia, para que um projeto seja reconhecido. A coluna a ser premiada, consiste na exibição de textos analíticos de pessoas comuns que expõem sua opinião na internet, em redes sociais. "É uma ideia simples, mas que está concorrendo a um dos maiores prêmios da América Latina, por isso me emociona tanto. Nós estamos apenas dando liberdade para que as pessoas possam trabalhar a diversidade de conteúdo", explica. Além disso, a equipe também já levou prêmios como o 'Capa Premiada', pelo Prêmio Esso. Quanto ao conteúdo, ela se emociona ao lembrar da cobertura do acidente na Ilha da Baía de Todos os Santos, e o 'Silêncio dos Inocentes' que foi premiada por falar de mulheres violentadas. O saudosismo e orgulho preenche cada uma dessas lembranças revividas por Linda Bezerra, que promete desenvolver ainda muitos trabalhos interessantes seja no Jornalismo, ou no Cinema.

Anjo de Farda

Por Daniela Busma

O Correio da Bahia é um dos jornais mais bem prestigiados de Salvador e em comemoração aos seus 40 anos, nada melhor do que relembrar algumas das maiores personalidades da cidade e que foram notícia diversas vezes no jornal.



Foto por Evandro Veiga

Pessoa que pratica o bem. Virtuosa. Talvez Denice ache que chamá-la de anjo é um exagero, mas diante de tudo que ela tem feito e de como tem contribuído para as causas de gênero em Salvador, não há apelido melhor. Mulher negra e feminista, filha de lansã, mãe de João Paulo, mestra de desenvolvimento de Gestão Social pela UFBA, e ariana com ascendente em escorpião, a major Denice Santiago acredita que sua missão é cuidar das pessoas. Ela ocupa o cargo de major na polícia militar e é conhecida como “salvadora das marias” por ser a criadora da Ronda Maria da Penha, na qual combate à violência doméstica. Além da criação da ronda, a major realiza palestras para combater a violência e o racismo.

Ela recebeu o diploma “Bertha Lutz” por contribuir em defesa aos direitos da mulher e em questões de gênero. Além disso, concorreu ao prêmio Cláudia, a maior premiação feminina da América Latina, na categoria “Políticas Públicas”.

Os primeiros passos

Denice Santiago Santos do Rosário veio da periferia e é uma terceira de uma família de cinco filhos. Quando completou o ensino médio, foi incentivada pelo seu pai a ingressar na polícia militar, já que o mesmo acreditava que assim ela teria estabilidade financeira. Mesmo não sabendo nada sobre a profissão, não demorou muito para ela se apaixonar. Como a polícia militar funciona através de

uma hierarquia, Denice conseguiu se encaixar na corporação.

Em entrevista feita pela G1, ela diz: “Neles (militares) causava um desconforto, mas para mim era bem tranquilo. Eu achava, poxa aqui é o meu lugar, aqui eu posso ser mulher sem precisar ter esses estigmas que o feminino traz”. Para ela, a polícia militar quebrava os paradigmas aceitos pela sociedade e que dão acesso ao machismo. Ainda assim, ela, como qualquer outra mulher, não está livre de sofrer com o machismo e o racismo, afinal vivemos em uma sociedade extremamente machista, misógina e preconceituosa.



Foto por Evandro Veiga

Em relação a combater o machismo na sua profissão, ela responde: “Eu combato machismo com técnica. Mostro para todos e para todas, já que o machismo não está apenas situado no homem, a minha competência. Porque aí quem aparece primeiro não é a mulher, é a profissional”. Ao ser admitida como major, Denice mostra a ascensão da mulher em uma organização que é dominada pela sua maioria por homens. E ela luta para que tenham mais mulheres como ela.

A major baiana está na profissão há 28 anos. Seu primeiro trabalho envolvendo questões do gênero feminino foi em 2006 com a criação do Centro Maria Filipa, primeiro e único núcleo de gênero do país que promove a proteção das policiais militares. Através desse núcleo, ela recebeu relatos de mulheres dentro da corporação que sofriam com um relacionamento abusivo e assim pôde se aproximar delas. Logo depois, ela ingressou na Secretária de Política para as Mulheres, onde pôde ver um outro lado da perspectiva da violência e autonomia feminina.

E então, ao descobrir a Patrulha Maria da Penha, no Rio Grande do Sul, Denice teve a ideia de implantar a Ronda Maria da Penha na Bahia.

A luta contra à violência doméstica

De acordo com o website do Instituto Maria da Penha, a cada 2 segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil. É difícil para a mulher se opor contra um relacionamento abusivo porque além de serem facilmente julgadas, esses tipos de violência são socialmente aceitos pela sociedade. Por isso, diante de uma sociedade tão misógina, é de extrema importância a criação de projetos que ajudem e que busquem o empoderamento dessas mulheres, e que torne o diálogo sobre a violência contra a mulher mais frequente.

A Ronda Maria da Penha foi criada em 8 de Março de 2015 e vem ajudando muitas mulheres que são vítimas de violência doméstica na Bahia. A ronda faz visitas às mulheres, circulam no bairro, e até mesmo acompanham a mulher na audiência para mostrar suporte, já que muitas vezes elas se sentem ameaçadas ou amedrontadas. Para Denice, a existência da ronda faz com que as pessoas possam confiar mais na rede e a denunciar mais.

Além de todo o processo de visitação e acompanhamento da vítima, também há uma preocupa o em conscientizar a mulher para que ela não se submeta   mais um relacionamento abusivo. Para isso, foi criado o projeto “Mulheres de Coragem” que funciona como um suporte para elas em rela o aos abusos sofridos, além de atuar no empoderamento feminino. A major baiana também realiza palestras e promove outros projetos como a “Ronda Para Homens” que tem o objetivo de disseminar conhecimento sobre os tipos de violência que eles podem estar cometendo e que não percebem.

Mesmo não participando diretamente das rondas, a major comenta que já ouviu relatos muito complexos sobre violência doméstica e que todas as marcaram. Ela afirma que ao trabalhar no que trabalha e fazer o que faz, ela precisa se indignar sempre. Denice retifica sua paixão pela profissão e diz que tem a missão primordial de ajudar, de cuidar de pessoas e de proteger pessoas. Ela afirma: “  isso que eu me disponho a fazer,   isso que eu gosto de fazer, essa   a polícia militar que eu faço, que eu acredito.”

Reconhecimento e Responsabilidade

Após participar de projetos e palestras fora da Bahia, Denice Santiago vem recebendo reconhecimento pelo seu trabalho. Em 2017, durante a comemora o do Dia Internacional da Mulher, a major ganhou o diploma Bertha Lutz, mostrando como ela tem sido de grande relevância para as questões de direito da mulher e de g nero.

Além disso, ela participou do programa “Encontro” com Fatima Bernardes, onde pôde falar mais sobre o seu trabalho. Também ano passado, Denice concorreu ao prêmio Cl dia, a maior premia o feminina na América Latina, na categoria “Políticas Publicas” e venceu. Sobre suas conquistas a major comentou: “Eu me sinto extremamente responsável por ser uma influência em tantas meninas, em tantas mulheres. Quando elas me veem representar a Ronda Maria da Penha nesses programas, elas confiam no que eu tão falando.”

Ela complementa: “Eu sempre falo que na verdade, o inspirado, inspira a inspiradora. Então hoje, eu, como sirvo de inspira o para algumas pessoas, tenho

uma preocupação comigo e com tudo que acredito. As vezes parece ser um peso, mas eu acho que é uma missão. E tenho trabalhado muito nessa missão.”

BOX: Homenagem no Dia Internacional da Mulher

Em 8 de março de 2017, o Correio da Bahia fez uma homenagem às mulheres que transmitem força e superação. Existem várias mulheres que fazem parte dessa característica como Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Ilê Axé Opó Afonjá, como a estilista Najara Black, Ivete Sangalo, Daniela Mercury, entre outras. Mas dessa vez, o Correio resolveu dar um foco maior para outras e um dos exemplos citados foi a major baiana Denice Santiago, comandante da operação Ronda Maria da Penha e símbolo de luta contra a opressão e violência à mulher. “A gente entende que a sociedade é machista, mas nós temos casos de homens que estão no terceiro processo por violência doméstica”, diz a policial.

Denice se formou na primeira turma de policiais militares femininas, há 27 anos e hoje, é responsável por proteger 637 mulheres na Bahia. Ela já tinha sido notícia do Correio outras vezes pelo seu trabalho na prevenção da violência doméstica. Foi apresentada a sua história como policial, o que a faz escolher a profissão, e como ela chegou a formar a Ronda da Maria da Penha. Diante da participação de tantas causas feministas e pela sua luta contra à violência à mulher, ela representa uma das maiores personalidades atuais de Salvador e é impossível não lembrar dela quando falamos do Dia da Mulher.

Deus no céu, e Formiga no campo

Por Ivna Barreto e Daniela Busma

Prestes a completar 40 anos, o Correio da Bahia foi um dos veículos de comunicação que mais enaltecem o poder da jogadora de futebol baiana, Formiga, vice-campeã mundial de futebol feminino.



Jogadora Formiga em partida da Seleção Brasileira

Formigas são seres extremamente fortes, e tem esse poder devido ao seu pequeno tamanho. Não foi diferente com a jogadora de futebol Miraildes Maciel Mota, que também leva o nome de formiga devido à sua agilidade e pequena estatura. Foi dessa forma que a atleta aliou sua predisposição natural à agilidade ao seu maior sonho: ser jogadora de futebol feminino. Nesse espaço ela conquistou diversos títulos e records, sendo camisa 24 do time estrangeiro Paris Saint Germain.

Antes de atuar como meia em seis copas do mundo, a atleta mostrava seu talento nos campos do bairro onde morou durante sua infância, Lobato. Era a menor do grupo, e mais ágil também. Quem parava para assistir aos jogos amadores pelos campos improvisados, sempre tinha sua atenção voltada para a garotinha, quem insistiam em chamar de formiga. Em algumas declarações, ela relembra momentos de descontração e projeção de seu grande sonho.

Jogava descalça, em campo de barro e voltava para casa toda arranhada, sempre que pode salienta o quão insistente foi em tornar seu sonho realidade, com a ajuda de familiares e amigos.

Formiga pensa também na importância da abertura de portas para garotas que se interessam por futebol, que assim como ela, jogam em campo de barro, descalças e sonham em ter uma chuteira para brilhar em campos gramados ao redor do mundo. Segundo a jogadora, o subúrbio de Salvador guarda muitos desses talentos promissores, e cobra do governo apoio para estas pessoas, já que seria benéfico para o estado, ter em seu berço, grandes talentos do futebol feminino.

Em 2016, a jogadora se aposentou ganhando inclusive comentários positivos sobre sua participação no mundo futebolístico. A melhor jogadora da seleção brasileira, Marta, fez questão de se declarar: “Ela é excepcional, uma atleta fantástica, um super ser humano. É única. O futebol feminino vai perder muito com ela fora. Espero que ela possa continuar ajudando a modalidade de alguma outra forma”.

Mas para a alegria de muitos e tristeza dos rivais, a atleta não suportou ficar muito tempo parada e voltou à ativa na seleção brasileira este ano. Segundo o jornal Correio da Bahia, a jogadora declarou para a CBF: "O Vadão falou sobre a dificuldade de não ter uma jogadora na minha posição para repor e precisava bastante da minha ajuda. Eu vi que realmente há carência em relação a isso e eles precisavam de mim. Eu, do jeito que sou pelo futebol feminino, aceitei e falei para ele que iria para ajudar até a Copa América".

Machismo dentro e fora do campo

O Brasil é considerado o “país do futebol”, mas claro, só quando é o futebol masculino. Desde sempre, a mulher é vista como um ser frágil e delicado, que precisa ser protegido e é incapaz de realizar atividades que exigem muita força, ou que são mais violentas. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos publicou uma lista de esportes e atividades proibidas para as mulheres. O futebol foi um deles.

O papel da mulher na sociedade, que é patriarcal, naquela época, e convenhamos até hoje, é a de ser dona de casa e a de gerar filhos. Com isso, a presença feminina no futebol era rara e só a partir de 1979, quando o futebol feminino deixou de ser proibido, que pôde-se perceber um maior reconhecimento e aceitação das mulheres no esporte.

Mesmo com a existência de ligas femininas e seleções nacionais, ainda existem aqueles que veem o futebol como “coisa de homem.” Nessa sociedade, que é extremamente misógina, as mulheres enfrentam dificuldades dentro e fora do campo. São feitos comentários machistas, desrespeitosos e que inferiorizam a mulher. Enquanto o futebol masculino é mais falado, bem visto, e “bem pago”, o futebol feminino ainda precisa lutar por um espaço de igualdade. As mulheres no futebol são pouco valorizadas, pouco apoiadas, não existem muitos patrocínios. A mídia também não dá a devida visibilidade para essas mulheres.

E como consequência dessa pouca visibilidade, muitas vezes, as conquistas femininas no esporte não são devidamente aclamadas.

Ainda que o machismo continue presente no esporte, Formiga acredita que muita coisa melhorou e que hoje em dia, as chances de uma mulher conseguir crescer no esporte são grandes. Em entrevista concedida para o site “Extraordinária”, ela comentou: “...Quando eu comecei, não tinha isso de se espelhar em outra mulher. Muitas meninas tinham dentro de casa o preconceito. E, hoje, o crescimento do futebol é grande. Acredito que a cada dia pode melhorar. E essas meninas podem ter a oportunidade de jogar, de serem profissionais e de terem o respeito que merecem”.

A jogadora de futebol também disse que quer transmitir algo positivo para as meninas de hoje em dia. Para ela, é importante ser exemplo para essas meninas e mostrar que não existe mais só o futebol masculino.

BOX: Ela voltou!

Em 2018, Formiga anunciou sua volta à seleção brasileira. A pioneira no futebol feminino tinha anunciado sua saída da seleção em 2016, mas foi convencida pelo técnico Vadão a voltar.

Por ser uma das maiores e mais importantes personalidades de Salvador, o Correio da Bahia fez uma reportagem sobre o seu último jogo, no domingo, dia 8. A jogadora, emocionada com a despedida à seleção, afirmou que não queria sair, mas que acreditava ser o momento certo. Ela agradeceu a todos pelo apoio, pelas mensagens que recebeu e por tudo que passou. “Tantos anos de dedicação, anos na luta, na batalha. Deixo aqui meu agradecimento a todos. Do meu primeiro treinador até a de agora”, disse a atleta.

Em 21 anos de carreira, Formiga conquistou muitos prêmios. Ganhou três medalhas nos Jogos Pan-Americanos, duas pratas nas Olimpíadas e um título sub-americano. Ela também soma seis participações na Copa do Mundo e a única jogadora feminina a participar de todas as modalidades nos Jogos Olímpicos. Formiga é uma jogadora impecável e a notícia de sua saída, além de entristecer muitos fãs, acarretaria em uma perda muito grande para o futebol feminino. Agora, com sua volta, a atleta irá se preparar para a disputa da Copa da América. Esperamos bons resultados.

Iyalorixá Mãe da Bahia

A trajetória de uma das maiores mães de santo da Bahia

Por Maria Luiza França



Mãe Stella

No dia dois de maio de 1925, na Bahia de todos os santos e capital da resistência, nascia Maria Stella de Azevedo Santos, a Mãe Stella de Oxóssi. Sobrinha de Mãe Arcanja, também conhecida como Dona Menininha, percebeu que Stella apresentava um comportamento diferente para uma menina de 14 anos e pediu ajuda do oluô Pai Cosme de Oxum, que informou que mãe Stella deveria ser iniciada, e que seu caminho era de iyalorixá.

Logo após a descoberta da sua missão, Mãe Stella foi iniciada por Mãe Senhora e recebeu orukó (nome) de Odé Kayodê. Stella conta que quando foi realizada sua iniciação, ela "não pensava em nada", "não tinha noção" do que estava acontecendo: "Meu caminho era ser iyalorixá, quando fui designada lá, entendi isso... é engraçado a força do odu, do destino". A partir disso foi construindo toda sua história dentro do terreiro, e trinta e sete anos após a iniciação, foi escolhida para ser a quinta iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá. Além de mãe de santo, Stella

se formou pela Escola de Enfermagem e Saúde Pública, exercendo a função de Visitadora Sanitária por mais de trinta anos.

Assim como seu orixá Oxóssi, mãe Stella é destemida, astuta e visionária. Foi vanguardista rompendo o sincretismo religioso no início dos anos 80, deixando claro que santo de igreja não tinha nada a ver com orixá de candomblé. Teve grande apoio de casas em seu manifesto, e contou com assinaturas de importantes iyalorixás, promovendo a separação entre ritos católicos e do candomblé. Visitou a África, terra de seus ancestrais, na Nigéria e no Benin. Percorreu o mundo, participando de congressos e tornando-se escritora assumindo seu papel de liderança.

Atualmente com 93 anos, cumpre com honra a função de iyalorixá. É mãe de uma comunidade enorme, cuja sede abriga inúmeras famílias, além de ter filhos e filhas espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Seu terreiro Axé Opô Afonjá foi tombado pelo IPHAN pela grandeza de seus projetos sociais, criados por uma mãe de santo quase centenária que mantém sua flecha sempre apontada para o futuro.

Cadeira nº 33 da Academia de Letras da Bahia

Estreou sua carreira na literatura em 1988, com a publicação do livro E daí aconteceu o encanto, em parceria com Cléo Martins, no qual a autora relembra as raízes do Opô Afonjá e de suas primeiras iyalorixás. Com isso lançou vários volumes sobre a religião de matriz africana e até edições para crianças. Com seus esforços conseguiu trazer para dentro do terreiro uma escola pública, que já ensinava às crianças a cultura, língua, histórias e tradições de seus antepassados africanos.

Mãe Stella como escritora, contribui não apenas para permanência dos costumes do Candomblé, como também propôs debates importantes, abordando temas como velhice, rituais, ecologia, filosofia e comportamento. Preserva, por exemplo, que os festejos de Iemanjá não lancem mais ao mar os presentes e oferendas, preservando o equilíbrio e a vida, acabando com a poluição.

Toda sua luta é para dar ao povo negro e candomblecista, um lugar na literatura. Isso fez com que ela fosse eleita por unanimidade em 2013 para a Academia de

Letras da Bahia, onde tomou posse da cadeira número 33, já ocupada pelos escritores Castro Alves e Ubiratan Castro de Araújo.

Prêmios recebidos

Em 2001 recebeu seu primeiro troféu, o prêmio jornalístico Estadão, na condição de fomentadora do Brasil e sobre a valorização e humanização social. Em 2009, ao completar setenta anos de iniciação no Candomblé, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado da Bahia. É detentora da comenda Maria Quitéria (Prefeitura do Salvador), Ordem do Cavaleiro (Governo da Bahia) e da comenda do Ministério da Cultura.

Em 2010, recebeu das mãos da vereadora Olívia Santana uma placa pelo centenário do terreiro Opó Afonjá ao lado do ministro da Cultura, Juca Ferreira e do secretário estadual da Cultura, Márcio Meirelles, no Plenário da Câmara de Salvador, Bahia.

BOX: 40 anos de correio com Stella

O jornal correio ficou marcado na vida de mãe Stella pelas várias homenagens destinadas a iyalorixá. Além de acompanhar todos os seus feitos e conquistas pelo povo negro, pobre e pela conscientização da religião de matriz africana, Stella se tornou uma das mulheres mais citadas do correio Nagô, com direito até a cobertura exclusiva do jornal para o filme inspirado em sua história de vida, e exibido no teatro da UNEB em Salvador.

Mãe Stella sempre se mostrou disposta a interagir com a imprensa e o jornal, além de estar sempre atenta em tudo que sai a seu respeito. Apesar da sua idade, ela tem um canal no youtube, que foi bem divulgado pelo correio, para interagir com as novas gerações e promover debates sobre o candomblé na modernidade, mostrando que a religião é capaz de acompanhar as mudanças e interagir com os meios de comunicação. Uma mulher negra de candomblé, engajada em lutas humanitárias e plenamente consciente das mudanças que queria empreender em sua religião e no mundo, tem a seus pés a eternidade no Correio da Bahia e no mundo.

O sabor favorito da Bahia

Por Larissa Trinchão

O Correio faz 40 anos, e não poderíamos deixar de citar uma das mulheres mais amadas não só pelo jornal, mas por toda a cidade, a famosa quituteira Dadá.



Quituteira Dadá

Não há uma alma baiana que desconheça os temperos da quituteira mais famosa de Salvador. Dadá já se tornou um símbolo local, com toda sua alegria capaz de contagiar o ambiente. Nascida no Conde, cidade a cerca de 200 km da capital, Aldaci dos Santos (seu nome de batismo) veio para Salvador muito nova, com apenas 14 anos, através de uma proposta de um emprego, para desta forma ajudar sua mãe, que tinha câncer.

Trabalhou como doméstica, em uma casa de família, cuidando de uma senhora, até ela falecer. Segundo Catarina Penna, neta da dona da casa, que era apenas uma criança (tinha 6 anos), apesar de Dadá ser muito jovem, já cozinhava e criava receitas na época! Sua avó, a dona da casa, era doceira, de um tempo em que tudo era feito de forma artesanal. O que ela garante, que a quituteira levou como ensinamento para sua vida.

A vida da cozinheira deu muitas voltas, mas desde pequena seu gosto pelo tempero a guiou por onde quer que fosse. Teve a oportunidade de ir a São Paulo, onde se encantou pelas novas possibilidades de sabores e cores, como o pimentão vermelho e amarelo, que não conhecia e poderiam se tornar a alma da comida.

Não é à toa que, ganhou o coração de grandes nomes da arte brasileira, já tendo recebido em seus restaurantes Maria Bethânia, Caetano Veloso e Jorge Amado. Sua comida tem alma. E isso vai muito além do seu cuidado com os alimentos, da imensidão de temperos que rodeiam a culinária baiana, mas de sua paixão pela comida, do brilho nos olhos de quem realmente ama o que faz e que faz bem.

Por isso a imensidão de sabores da Dadá fazem tanto sucesso, seja seu irresistível bobó de camarão, ou seu acarajé crocante que atrai turistas dos quatro cantos do mundo. Seu restaurante, chamado Sorriso de Dadá, já se tornou parada obrigatória para quem vem conhecer a cidade. Ele fica localizado no Pelourinho, então, para quem quiser dar uma passada pelo Centro Histórico da cidade já sabe onde ir!

Mas nem tudo são flores

Quem vê a alegria e felicidade da quituteira, que tem costume de chamar a todos de “negão” e “negona”, nem imagina que a menos de 10 anos o primeiro de seus restaurantes, chamado de “Varal da Dadá” foi fechado por falta de clientes. E que, em 2015, outro de seus estabelecimentos, chamado “Sabores da Dadá” que ficava localizado no Rio Vermelho também fechou as portas.

Segundo a cozinheira, seu primeiro restaurante, que se localizava no Alto das Pombas, que tinha chegado a receber até 120 pessoas por dia estava em baixa, atendendo entre 15 e 20 pessoas. O motivo? A violência afastou seu público, que costumava até a fazer fila na porta, mas passou a ter medo de adentrar a favela.

A cozinheira também, abriu um restaurante que levava seu nome artístico “Dadá”, mas os restaurantes da negona tiveram altos e baixos. Enquanto uns abriam as portas, outros fechavam, se mantendo assim seu principal e querido Varal da Dadá.

A mais querida da Bahia

Engana-se quem imagina que a única qualidade da quituteira são seus temperos, pois seu sorriso e simpatia foram grandes responsáveis pela fama que Dadá tem hoje.

Em 2014, Dadá contribuiu com a campanha “Mulher na política”, promovido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que apoiava o aumento feminino em cargos de poder. Não há orgulho maior do que ver uma mulher que já foi ambulante, doméstica e cresceu, virando dona de seu próprio negócio indo a luta pelo poder feminino.

Não é à toa que a cozinheira se tornou eterna na Casa de Jorge Amado, ensinando, em vídeos, as mais diversas receitas que estavam presentes na rotina (e nos livros) do escritor. E claro, a diversão está garantida a cada prato que passa, pois seu charme e alegria tomam conta de todo o ambiente! E o melhor! Quem quiser ter a receita para si, há a opção de enviá-las por email.

Mas quem pensa que para por aí está muito enganado! Foi convidada para participar do Masterchef, ao lado de Daniela Mercury e mostrou para todo o Brasil o poder que só a comida baiana têm. Dadá, que se autodenomina “a negona Dadá” trilhou seu caminho nos corações de todos. Seus eventos “Feijoada VIP” lotam! A quituteira tem dendê no sangue!

BOX:

O tempero mais querido do Correio

É quase impossível ser baiano e não conhecer Dadá, mas mais difícil ainda é encontrar um leitor do Correio que nunca ouviu falar sobre o poder de sua cozinha e de seus eventos, que movem a cidade e enchem de gente famosa e que claro, o jornal não deixa isso passar despercebido!

Ao longo desses 40 anos, a cozinheira foi uma figura marcante, que representou muito mais do que seus restaurantes, mas a alma de toda a culinária baiana.

O jornal acompanhou sua jornada de perto, noticiando cada conquista, novo restaurante, evento lotado, aparecimento na televisão. Até o querido Jô participou dessa jornada deles, pois quando a cozinheira apareceu em seu programa o Correio fez questão de falar sobre.

Não tem como negar que Dadá faz parte da história do Correio, que caminhou junto e perto dela, para deixar toda a Bahia por dentro de uma das pessoas mais queridas que ela tem!

Veveta da Bahia

Por Larissa Trinchão e Maria Luiza França

Assim como o Correio, a cantora baiana Ivete Sangalo é marca registrada da Bahia para o mundo!



Ivete Sangalo em trio elétrico.

No Brasil, há quem não goste de axé, mas posso garantir que não há quem não goste de Ivete. A famosa “Veveta da Bahia” conquistou uma legião de fãs, seja pela sua voz, seu ritmo contagiante, sua alegria e simplicidade que exalam, ela é, com certeza, uma das mulheres mais queridas do Estado, não é a toa que foi record de capas no Correio, marcando assim uma trajetória de parceria entre o veículo e a cantora.

Começou a carreira na Banda Eva, onde ficou dos anos 1993 a 1998 e a partir disso, conquistou não apenas o país, mas o mundo. A querida Ivete, que este ano completa 25 anos de carreira já ganhou visibilidade internacional, mostrando Brasil a fora que swing baiano é para quem pode.

Nascida em Juazeiro, em 1972, Ivete Sangalo é um dos grandes nomes da música brasileira, é cantora, compositora, apresentadora, instrumentalista e empresária e se joga até nas telas como atriz. Completa é pouco para descrever a artista, que para ajudar a sustentar a família, após a morte do pai trabalhou como modelo, vendedora de loja e até de quentinhas pela cidade de Salvador.

Logo após começar sua carreira solo ela já estava em alta, lançou seu primeiro álbum homônimo, que vendeu mais de 100 mil cópias. Nada mal, não é? Foi quando a cantora recebeu seu primeiro disco de ouro.

Em 2002, Ivete já estava lançando single da copa, o inesquecível "e vai rolar a festa"! E não é que rolou? O Brasil foi campeão, se tornando Pentacampeão. E seu sucesso continuou, não demorou muito para que ela alcance os palcos internacionais, em 2004 fez seu primeiro show no Rock in Rio de Lisboa que teve uma média de 70 milhões de espectadores, e a partir disso participou de todas as edições do evento.

Mas não foi apenas em Lisboa que a cantora marcou os palcos com sua presença no Rock in Rio, em 2008 esteve presente na edição em Madrid e em 2015, na de Las Vegas, sendo a única brasileira a participar do evento. Mas antes disso, Ivete já tinha marcado o solo americano com seu agito. Em 2010 a cantora lançou o DVD "Multishow ao vivo: Ivete Sangalo do Madison Square Garden", que foi gravado na grande maçã.

Já no Brasil, um dos DVDs mais marcantes da cantora foi o de 20 anos de carreira, quando Salvador se tornou palco de um espetáculo típico de uma artista tão renomada, amada e carismática quanto ela.

Prêmios

Para quem ainda tem dúvidas de que Ivete é uma grande artista aí vem a maior prova, a cantora já recebeu mais de 150 indicações para prêmios e ganhou 108. Seu primeiro foi o Troféu Dorival Caymmi de melhor intérprete, quando ainda estava na banda Eva.

Já o segundo aconteceu logo no início de sua carreira solo, em 2003, quando ganhou o prêmio Multishow na categoria de melhor cantora.

Além disso, seus prêmios transcenderam o limite brasileiro. Venceu prêmios como o Open Web Awards três vezes nas categorias "Best Celebrity to Follow" (melhor celebridade para seguir), "Best Musical Artist to Follow" (Melhor artista musical para seguir) e "Twitter user of the year" (Usuário do Twitter do ano) em 2009, e o Press Award em 2011 com o título de "melhor show".

Isso sem contar com as 21 indicações para o Grammy Latino, tendo vencido em três categorias, em anos diferentes. Ganhando prêmio, inclusive, junto a Gilberto Gil e Caetano Veloso, no ano de 2012.

Carinho que vai além dos fãs

O carisma de Ivete ganhou não apenas uma legião de fãs que a seguem fielmente, mas também a fez firmar parcerias com diversos nomes da música. Como se não bastasse o prêmio junto a dois grandes nomes da MPB a cantora, ainda no início de sua carreira solo, em 2006 fez dueto com ninguém mais nem menos que Bono Vox, cantor do U2, que estava se apresentando no país.

Dividiu palco com Shakira, no Rock in Rio de 2011, do Rio de Janeiro. Fez música com Roberto Carlos, Alejandro Sanz, e muitos outros, o que lhe rendeu dois álbuns para seus duetos.

A cantora, desta forma, se tornou um símbolo baiano que conquistou o Brasil a fora, em meio a suas diversas músicas de sucesso e prêmios. Sua fama é tanta que se tornou enredo da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, no ano passado, mostrando para o país inteiro o poder que só a Veveta tem!

BOX:

Ivete, o que a Bahia quer saber

Dos 40 anos do Correio, 25 foram marcados pela grande presença de Ivete Sangalo, ambos baianos de nascença e intensos como o axé. A empresa marcou fatos históricos da cantora, assim como ela, do jornal. É difícil encontrar alguém que já foi tão homenageado pela Correio, sendo a mulher que mais apareceu em matérias.

O jornal a acompanhou nos momentos mais marcantes de sua carreira e vida pessoal. Noticiou seus maiores prêmios, shows e acompanhou de perto até sua gravidez, e cobriu todo o preparo para seu carnaval fora de época, que arrastou multidões na tarde de 29 de abril.

Não houve um ano em que a Veveta não fosse uma das maiores notícias do Correio, que assim como ela levou por anos o codinome “da Bahia”.